

## SER PROFESSOR/A NA ESCOLA RIBEIRINHA: REFLEXÃO SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ PARANÁ DO ESPÍRITO SANTO PARINTINS/AM

Maria das Graças Pereira Soares  
*Universidade Federal do Amazonas /UFAM-AM-Brasil.*  
*mgpssoares@hotmail.com*

Corina Fátima Costa Vasconcelos  
*Universidade Federal do Amazonas /UFAM-AM-Brasil*  
*corina.fima@yahoo.com.br*

Maria de Nazaré Rodrigues Ribeiro  
*Escola Municipal Gláucio Bentes Gonçalves/SEMED- Parintins - AM*  
*nazare.ribeirorodrigues@bol.com.br*

### RESUMO:

Os estudos na área da formação, profissionalização e trabalho docente estão em pauta nas discussões do cenário educacional, uma vez que a prática docente tem um papel social relevante no desenvolvimento humano e social dos cidadãos. Poucos estudos têm destacado as experiências do fazer docente em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Assim, esta pesquisa tem por finalidade refletir acerca do trabalho docente em uma escola ribeirinha, destacando o lugar dos sujeitos, a percepção dos modos de vida, os saberes e suas relações com as práticas educativas nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Municipal Gláucio Bentes Gonçalves, localizada na comunidade São José Paraná do Espírito Santo de cima no município de Parintins-AM. Para tanto, busca-se discutir a questão: Qual o significado de ser professor em uma escola ribeirinha, considerando as experiências socioculturais desse contexto? Utilizamos como estratégia metodológica um estudo teórico e entrevista com duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada no mês de setembro do ano de 2015. O estudo mostrou, ao longo das discussões, a relevância do trabalho docente no processo de formação das crianças, jovens e adultos e, em particular, das crianças que vivem em comunidades ribeirinhas da Amazônia e que os processos cotidianos do contexto ribeirinho, mediados por ações e simbologias, constituem-se importantes referências para o trabalho docente e devem ser o ponto de partida da prática docente.

**Palavras-chave:** Trabalho docente, Ensino Fundamental, Escola Ribeirinha.

## INTRODUÇÃO

O trabalho docente assume um relevante papel no desenvolvimento humano e social de uma nação, porém poucas pesquisas têm discutido o trabalho realizado pelos professores nas escolas ribeirinhas da Amazônia e sua relação com o contexto local. Este artigo tem por finalidade refletir acerca do trabalho docente em uma escola ribeirinha, destacando o lugar dos sujeitos, a percepção dos modos de vida, os saberes e suas relações com as práticas educativas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O artigo traz como discussão o contexto ribeirinho e suas inter-relações com as práticas docentes, ainda pouco incluídas nas reflexões que tratam da realidade da educação do campo, portanto, julgamos que há muito a ser conhecido sobre a educação escolar das populações ribeirinhas na Amazônia.

Partimos da concepção da necessidade de compreendermos a realidade do contexto da escola ribeirinha, o modo de vida dos sujeitos em interlocução com as práticas docentes. Nessa perspectiva, o estudo partiu da seguinte questão norteadora: Qual o significado de ser professor em uma escola ribeirinha, considerando as experiências socioculturais desse contexto?

## CONTEXTO DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ PARANÁ DO ESPÍRITO SANTO DE CIMA

A comunidade São José Paraná do Espírito Santo de Cima está localizada no município de Parintins/AM, região do Baixo Amazonas<sup>1</sup> e no maior sistema fluvial do mundo, a Bacia Amazônica. Está situada em uma área de várzea, região caracterizada pela inundação anual do rio Amazonas e na região do complexo de lagos Macuricanã. Faz parte da Unidade de Conservação, na Categoria Área de Proteção Ambiental, denominada APA Nhamundá. A sede da comunidade está situada à margem direita do rio Amazonas, distante 2 km em linha reta de Parintins.

Esta área é cercada de belezas naturais, sendo bastante procurada para visitação turística de lazer e realização de pesquisa de acadêmicos e professores de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Amazonas/UEA e da Universidade Federal do Amazonas/UFAM.

---

<sup>1</sup> O Baixo Amazonas é constituído por sete municípios: Uruará, São Sebastião do Uatumã, Parintins, Barreirinha, Nhamundá, Boa Vista do Ramos e Maués (WITKOSKI; FRAXE, 2011).

Na comunidade vivem 63 (sessenta e três) famílias que possuem uma renda mensal de aproximadamente um a dois salários mínimos. As principais atividades desenvolvidas pelos comunitários são a pesca, o cultivo de plantações, o extrativismo vegetal, a confecção de artesanatos e a criação de animais. Os alimentos mais consumidos pelos moradores são os peixes, as frutas e hortaliças cultivadas na região.

Para Brandão (2014, p.24), “contexto é onde as pessoas estão juntas, vivem juntas e aprendem a viver juntas. É onde se planta e se colhe o milho e é onde está a minha casa com a minha família”.

Neste cenário de biodiversidade e riquezas naturais, os povos ribeirinhos produzem e expressam seus conhecimentos tradicionais que estão vinculados às suas práticas socioculturais nas atividades religiosas, econômicas, ambientais, culturais e educacionais. Esse conhecimento, segundo Diegues (2008, p.179), é “[...] o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial, transmitidos oralmente de geração em geração”.

[...] Nessas comunidades, a dimensão *trabalho*, portanto, é compreendida enquanto *processos de trabalho*, que se constituem em *lôcus* de autêntica transmissão de múltiplos saberes, valores e costumes de geração para geração historicamente, expressando um campo extremamente fértil de educação [...] (OLIVEIRA, 2008, p. 46, destaque da autora).

Os ribeirinhos encontram-se familiarizados com a natureza por meio da terra, dos rios e da floresta. Nela, adentram para retirar os recursos que necessitam, não têm receio de fazer usos das águas no curso dos rios, respeitam o tempo das cheias e de intensas chuvas. As crianças logo cedo aprendem a nadar, pescar, remar, conhecer e escamar os peixes da região e plantar.

## **UM OLHAR SOBRE A ESCOLA RIBEIRINHA**

As atividades escolares na comunidade São José Paraná do Espírito Santo foram iniciadas na década de 1950. Nesse período não havia um prédio escolar e as aulas eram realizadas na casa de moradores. Até meados da década de oitenta todos os professores eram leigos e, nesta mesma década, foi inaugurado o primeiro prédio da escola. Foi construído em madeira com apenas uma sala de aula e uma cantina. Ao lado da instituição foram construídos dois quartos para abrigar os professores que vinham da cidade de Parintins para lecionar na escola.

A escola, ainda hoje, funciona em um prédio de madeira, necessitando de uma melhor estrutura física para oferecer adequadas condições de acolhida e desenvolvimento do processo ensino aprendizagem para as crianças, os jovens, os adultos e os educadores da instituição. Há necessidade também de melhoria no alojamento dos professores, uma vez que o quadro docente da escola é formado por professores da cidade de Parintins que deixam suas residências para trabalhar na comunidade e ficam alojados em dependências cedidas pela Associação dos Moradores, as quais não oferecem boas condições de moradia.

Atualmente a escola atende 112 alunos da Educação infantil ao Ensino Médio. A Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental estão organizados em turmas multisseriadas, a segunda etapa do Ensino Fundamental é modular e o Ensino Médio é presencial com mediação tecnológica.

A instituição escolar tem um papel relevante no desenvolvimento humano e social dos comunitários, pois possibilita o acesso ao conhecimento sistematizado e a socialização dos saberes e experiências socioculturais, bem como a oportunidade de prosseguir os estudos devido ao difícil acesso à escola em outras comunidades do município ou na cidade de Parintins. A escola ainda caminha com muitos desafios no que concerne a sua infraestrutura, saneamento, merenda escolar, recursos didáticos, condições de trabalho docente e rotatividade dos professores. Estas questões evidenciam os grandes desafios de ser professor/a em uma comunidade ribeirinha na Amazônia, como bem, argumenta Freire (1997, p. 08): “É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo”.

Educar é uma ação profundamente política e ética, apesar de os discursos conservadores e liberais pretenderem dissimular esta idiossincrasia. Portanto, o êxito das intervenções educacionais está ligado a um compromisso consciente e cuidadoso com a comunidade à qual se pretende servir; não devemos esquecer que por isso a escola é uma instituição com frequência obrigatória (SANTOMÉ, 1998, p. 147).

A compreensão do processo educativo como um ato político e ético possibilita uma reflexão crítica acerca da função social da educação, ao mesmo tempo, ressalta o compromisso do trabalho docente no processo de formação das crianças, jovens e adultos e, em particular, das crianças que vivem em comunidades ribeirinhas, muitas vezes, desprovidas das condições básicas

para “desenvolver todas as suas potencialidades como seres humanos [...]” (SANTOMÉ, 2013, p.63).

Diante dos desafios, da riqueza das interações e aprendizados vivenciados na escola e na comunidade ribeirinha, o trabalho docente proporciona uma rica experiência no processo de formação e na luta por uma educação do campo que articule as experiências socioculturais e o saber-fazer dos alunos que vivem neste contexto tão singular, marcado, por um lado, por uma história de negação e exclusão social e, por outro, por múltiplas riquezas culturais e naturais.

## **O FAZER DOCENTE NA ESCOLA RIBEIRINHA**

O professor tem um papel fundamental no processo educativo na medida em que o trabalho docente permite a construção de um trabalho interativo e reflexivo, desenvolve a consciência crítica dos cidadãos, promove mudanças e transformação nas estruturas sociais, políticas e econômicas em prol de uma sociedade mais justa e mais humana.

É preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 1979, p. 21).

No contexto atual, marcado por constantes transformações, há muitas funções sociais que são atribuídas à educação escolar como ensinar, formar para a cidadania, para o trabalho, para o convívio social, para a sustentabilidade e para conviver e respeitar a diversidade. Os estudos na área de formação de professores evidenciam a complexidade do trabalho docente num mundo globalizado, exigindo uma reflexividade crítica constante sobre as práticas e teorias que constituem o seu fazer.

Na opinião de Santomé (2013, p. 83), “uma educação que pretenda educar cidadãos para nosso tempo precisa insistir no desenvolvimento de habilidades e posturas que valorizem o conhecimento e colaborem com todas as pessoas e os grupos sociais”. Neste sentido, Feldmann (2009, p. 80) destaca que “uma das tarefas da escola contemporânea é formar pessoas com o pensamento autônomo, que sejam fiéis a seus sonhos, que respeitem a pluralidade e a diversidade e intervenham de forma científica e crítica nos destinos da sociedade”.

Em se tratando do processo educativo em contexto ribeirinho evidenciamos que os processos cotidianos, mediados por ações e simbologias, constituem-se importantes referências para

o trabalho docente e são imprescindíveis para postular qualquer prática educativa escolar, pois toda ação educativa só fará sentido *se pensada a partir e com os sujeitos* em suas necessidades. “A educação do cuidar baseia-se no diálogo, estabelecendo-se por meio da *cultura de conversa*, um ensino-aprendizagem, cujo conteúdo é o produzido e refletido no saber-fazer cotidiano de homens e mulheres das comunidades rurais-ribeirinhas [...]” (OLIVEIRA, 2008, p. 75).

Desse modo, devemos pensar na construção de uma prática pedagógica para a escola ribeirinha que considere e respeite os direitos, os saberes construídos, os sonhos e as curiosidades dos educandos de forma que os percebam como sujeitos culturais, históricos e, portanto, dialógicos.

O diálogo é o instrumento fundamental na constituição do trabalho docente que valoriza as contribuições trazidas pelas crianças, pelos jovens e adultos, suas experiências vivenciadas, como uma categoria social e histórica. Por meio do diálogo podemos compreender que “não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende” (FREIRE, 1997, p.19).

O diálogo como instrumento interlocutor da prática docente possibilita ouvir as vozes dos sujeitos para que possamos entender: quem são os alunos ribeirinhos? Quais são os seus saberes? Quais os saberes significativos que devem contemplar o currículo da escola ribeirinha? Como os conhecimentos socialmente construídos podem contribuir para compreensão, atuação e transformação do contexto ribeirinho?

O diálogo, assim, se constitui como um caminho potencializador do trabalho docente, porque contribui para problematizar as condições do mundo, para gerar a curiosidade epistemológica e para a construção de novos conhecimentos.

## **METODOLOGIA**

Neste estudo utilizamos a pesquisa teórica e a pesquisa de campo que tem como foco investigativo o trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola ribeirinha localizada na comunidade São José Paraná do Espírito Santo/Parintins/AM. O aporte teórico utilizado nessa investigação está fundamentado nos estudos de Freire (1979, 1997,) Lüdke e André (1986), Santomé (1998), Diegues (2008), Oliveira (2008), Feldmann (2009) e Brandão (2014). A pesquisa bibliográfica possibilitou uma aproximação com o objeto em estudo, oferecendo possíveis identificações de resposta para o problema da pesquisa.

Outro procedimento metodológico utilizado foi à realização de entrevista individual, que consistiu em “dar voz” às duas professoras (Vitória Régia e Amazonina, nomes fictícios) que trabalham em turmas multisseriadas dos anos iniciais do Ensino Fundamental na comunidade. Para Lüdke e André (1986, p.33), a entrevista é um instrumento básico para coleta de dados que se diferencia de tantos outros pelo seu "caráter de interação [...] havendo uma atmosfera de influências recíproca entre quem pergunta e quem responde [...]". A pesquisa bibliográfica e as entrevistas permitiram a compreensão do que é ser professor em escolas ribeirinhas a partir da concepção das professoras.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Ser professor na escola ribeirinha: concepções das professoras*

É fundamental que tenhamos a compreensão dos aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos que envolvem o trabalho docente em comunidades ribeirinhas. Esse processo requer um “olhar” e a “escuta”, oportunizando a voz dos sujeitos e também o reconhecimento do contexto onde o trabalho docente se desenvolve. Para tanto, *buscamos saber das entrevistadas o que significa ser professor na escola ribeirinha.*

Na concepção da professora Vitória Régia, “é aquele professor que vai além de suas expectativas, este professor se encanta com o seu trabalho e passa a viver com pessoas que tem um modo tão diferente, mas com a mesma capacidade de aprender e avançar no conhecimento”.

A professora Amazonina assim se posiciona:

O fazer docente na escola ribeirinha se acentua muito pelo diálogo e pelas experiências de vida dos próprios alunos, pois deste pequenos estes aprendem a nadar, pescar, capinar, remar e também reconhecem que o meio de transporte na comunidade é a canoa, o barco, a bajara, a rabeta. É preciso que o currículo escolar seja construído com os professores que atuam nessas áreas para que essas vivências sejam valorizadas e os alunos das comunidades ribeirinhas não se sintam diminuídos, pois sabemos que o ser humano é criativo no seu meio.

A professora Vitória Régia destaca a necessidade dos professores valorizarem o contexto sociocultural dos educandos no seu processo educativo e, ainda, reconhecê-los como sujeitos produtores de saberes com capacidade para produzir novos conhecimentos. Este posicionamento é ampliado pela professora Amazonina ao acentuar o diálogo e as experiências de vida das crianças

como elementos que caracterizam o fazer docente nas escolas ribeirinhas. Ainda percebe a necessidade de que o currículo escolar seja construído pelos professores que trabalham nas comunidades, de modo que seja incorporado neste as vivências dos sujeitos e as singularidades do contexto.

O trabalho docente, portanto, nas escolas ribeirinhas não pode tornar os saberes, as representações e imaginários historicamente construídos pelos povos ribeirinhos invisíveis, silenciados.

[...] os saberes, as representações e imaginários construídos por essa população rural-ribeirinha precisam ser olhados com atenção pelos educadores, por que eles nos apontam para uma pedagogia a ser trabalhada com o saber-fazer das práticas sociais cotidianas dos educandos [...] (OLIVEIRA, 2008, p. 79).

O saber-fazer dessa população está interligado com a natureza, com o mundo sobrenatural, com a organização social, as relações estabelecidas com o rio, com a floresta, com a pesca, com o contexto urbano, a relação de trabalho, a produção de cultura e suas crenças. Os saberes de um povo “são sempre inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros” (GEERTZ, 2013, p. 170).

Os depoimentos das entrevistadas também evidenciam a necessidade das professoras conhecerem *o contexto das comunidades localizadas em área de várzea*.

O professor que se dispõe a trabalhar em área de várzea precisa ter ciência que este ambiente é um dos mais ricos, dinâmico e complexo da Amazônia. Todo ano o sobe e desce das águas do Rio Amazonas promove a fertilização da terra. Nas áreas de várzea há uma grande variedade de plantas e animais. Os povos ribeirinhos se concentram nesta região e vivem da plantação, da pesca e aproveitam a fartura dos recursos do rio, do lago, das plantações e da floresta. É esse conhecimento que o aluno ribeirinho detém e na maioria das vezes este aluno é tolhido pelo professor que vem da zona urbana que não leva em conta a vivência dos alunos (Vitória Régia).

As populações ribeirinhas através de várias gerações dependem do rio e da floresta para viver e acompanham o vai e vem das águas, sabem que os recursos da sustentabilidade dependem da exploração moderada dos mesmos e também a saúde do ambiente. Esse saber vivenciado e acumulado pelo varzeiro é o ponto de partida para o trabalho coletivo e para a prática pedagógica (Amazonina).

As falas das professoras revelam com bastante força como é viver em uma comunidade ribeirinha, cuja vida é determinada pelo fenômeno da cheia e da vazante do rio Amazonas, que determina um modo particular de produzir, de lazer, de se transportar, de se alimentar, e, no caso

específico, da escolarização, a organização de um currículo escolar que responda a esta realidade. O saber vivenciado pelas crianças varzeiras deve ser o ponto de partida da prática docente em sala de aula, os quais são, na maioria das vezes, negados e silenciados pelos professores que vêm da zona urbana e que não consideram as experiências de vida das crianças, conforme afirmou a professora Vitória Régia.

A partir das entrevistas realizadas com as professoras, constatamos que para o desenvolvimento de uma educação crítica e transformadora é necessário investigar se as propostas curriculares, a estrutura de organização escolar e o trabalho docente estão respeitando as necessidades e interesses dos diversos grupos sociais, em especial, destacamos neste artigo as experiências socioculturais das comunidades ribeirinhas da Amazônia.

## CONCLUSÕES

Este artigo objetivou refletir a concepção de professores sobre o trabalho docente em uma escola da comunidade ribeirinha do município de Parintins/AM, destacando o lugar dos sujeitos, a percepção dos modos de vida, os saberes e suas relações com as práticas educativas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O estudo mostrou, ao longo das discussões, a relevância do trabalho docente no desenvolvimento humano e social das crianças ribeirinhas e, ainda, a necessidade de compreender os aspectos sociais, geográficos, políticos, culturais e econômicos que estão imbricados com o trabalho docente em comunidades ribeirinhas. O diálogo emergiu como importante instrumento na constituição do fazer docente e para a compreensão dos ribeirinhos como atores sociais e, como tal, devem participar como sujeitos políticos na construção/reconstrução do processo educativo das crianças ribeirinhas, tendo como referência seus saberes, vozes, imaginários, necessidades e interesses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

DIEGUES, Antônio. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec/Nupaub - USP, 2008.

FELDMANN, M. Formação de professores e cotidiano escolar. In: FELDMANN, M. (Org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora SENAC, 2009. p. 71-80.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GEERTZ, Clifford. **O saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LUDCKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**. 6 ed. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias Ribeirinhas: Saberes e Representações sobre Práticas Sociais Cotidianas de Alfabetizando Amazônidas**. Belém-PA: EDUEPA, 2008.

SANTOMÉ, Jurjo. **Globalização e Interdisciplinaridade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de troia da educação**. Tradução: Alexandre Salvaterra; Revisão técnica: Álvaro Hypolito. Porto Alegre: Penso, 2013.

WITKOSKI, Antônio; FRAXE, Terezinha (Orgs.). **Relatório Analítico Território Rural Baixo Amazonas**. Manaus/AM, 2011.



